



## MITOS, IMAGENS E SÍMBOLOS EM *QUEM MUITO OLHA A LUA FICA LOUCO*, DE ACLYSE DE MATTOS

Marta Helena Cocco (UNEMAT)

**RESUMO:** Neste estudo investigamos, pelo método da mitocrítica de Gilbert Durand, a presença de mitos latentes em poemas do livro *Quem muito olha a lua fica louco*, do mato-grossense Aclyse de Mattos. Ao identificarmos as imagens do céu, da lua, das águas e da pesca como obsedantes ou repetitivas na construção da obra, tentamos descobrir que mitos embasam essas construções, que relações são estabelecidas com o gesto de olhar do eu lírico dos poemas e como esse olhar é dirigido ao feminino e ao masculino, uma vez que as imagens constelam em torno desses dois princípios. Sob a ótica da antropologia do imaginário, o olhar é descrito predominantemente como gesto diurno, que necessita de matérias luminosas, alinhavado com o princípio masculino. Na obra de Aclyse, entretanto, descobrimos, do título ao final do livro, que há um movimento, na percepção do eu lírico, em direção a uma visão contra ideológica e sensível sobre o feminino e sobre o gesto de olhar.

**PALAVRAS-CHAVE:** mitocrítica, Aclyse de Mattos, poesia, feminino e masculino.

## MYTHS, IMAGES AND SYMBOLS IN *QUEM MUITO OLHA A LUA FICA LOUCO*, BY ACLYSE DE MATTOS

**ABSTRACT:** According to the myth-critical method by Gilbert Durand, we herein investigate the presence of underlying myths in poems from the book *Quem muito olha a lua fica louco*, by Aclyse de Mattos, an author from Mato Grosso. By identifying the images of the sky, the moon, water and fish as obsessive or repetitive in the body of his work, we try to find out what myths underlie those constructions, what relationships are established with the lyrical-I's gaze and how that gaze is directed to the female and male, since the images of the book go around these two principles. From the perspective of the anthropology of the imaginary, the gaze is described as a diurnal motion, which requires light materials, in accordance with the masculine principle. However, from the title to the very end of the book by Aclyse, we can see the lyrical-I's perception moves toward a counter-ideological and sensitive sight of the female and the gaze.

**KEYWORDS:** myth criticism, Aclyse de Mattos, female and male.

## Introdução

*Quem muito olha a lua fica louco* é um livro de poemas que, à primeira vista, apresenta-se a nós como uma obra de arte que traduz de modo inigualável as paisagens mato-grossenses. Trata-se de uma verdadeira coleção de imagens do céu, das águas e da fauna mato-grossense, de bairros e ruas de Cuiabá, entre outras, sem o ufanismo dos discursos regionalistas. O que salta aos olhos, desde a primeira leitura, é um discurso de contemplação da beleza, de descrição de cenas e até de denúncia social em textos como “Mercado de Peixes”. Nesse poema, em especial, o tempo, o aumento demográfico e a tecnologia são agentes nocivos à sobrevivência do tradicional pescador ribeirinho. Os momentos de admiração não se reservam à paisagem, também são dedicados a importantes vozes líricas locais como a de Manoel de Barros, Silva Freire e Ricardo Guilherme Dicke.

Neste artigo, porém, não nos prenderemos ao que salta aos olhos e, sim, tentaremos investigar, em camadas mais fundas dos poemas, a existência de mitos latentes ou patentes que revelem mais detalhes sobre a produção poética do autor. O recorte se justifica pela importância que os mitos exercem na constituição de uma cultura e, porque, na análise literária, descobrir a forma como os mitos atualizam-se nos textos, certamente diz muito sobre a obra de um autor como expressão da cultura a que pertence.

Para isso, vamos nos apoiar no método de análise elaborado por Gilbert Durand, em 1970, denominado mitocrítica. Esse método, através das metáforas obsessivas, que são aquelas que se repetem numa obra ou no conjunto da obra, permite que se chegue ao mito pessoal do autor. Durand propõe o inventário dos elementos reiterados de forma significativa na obra e o exame do contexto em que esses elementos aparecem.

Para procedermos à análise dos poemas, consideraremos a definição de mito dada por Junito Brandão (2009), a partir das elaborações do mitólogo Mircea Eliade: “é a narrativa de uma criação: conta-nos de que modo algo, que não era, começou a ser.” (p.37) e, mais adiante: “talvez fosse mais exato defini-



lo como uma verdade profunda da nossa mente.” (p. 39). A concepção de mito nessa perspectiva é importante para análises como a que realizamos, porque não o considera como algo fantasioso ou fabuloso, mas, como uma verdade que de algum modo interfere na organização das sociedades e/ou grupos culturais.

### **Mitos, imagens e símbolos**

Antes de chegarmos aos mitos subjacentes à obra de Aclyse de Mattos, começaremos por detalhes da forma que despertaram a nossa atenção. Uma delas é o projeto gráfico, mais especificamente a capa, pois se vincula ao que já dissemos sobre as primeiras impressões que o livro causa.

Conforme observamos na imagem, a capa conta com a predominância da cor azul e um desenho em preto e branco sugerindo uma pessoa que, ao olhar para a lua, foi por ela seduzido e parece estar girando em sua órbita. A cor azul, que “reúne as condições ótimas para o repouso e, sobretudo o recolhimento” (DURAND, 1997, p.148), indica desde já duas imagens recorrentes na obra: o céu e as águas. O título está literalmente enquadrado num retângulo, elemento que será retomado mais adiante. Pela ligação da cor azul ao céu e às águas, temos de início a presença do símbolo do par primordial, Urano e Geia, respectivamente céu e terra, masculino e feminino. Em um dos poemas do livro, tal símbolo aparece fusionado, antes da ruptura ou separação, que remonta à gênese do mundo:

Céu do pantanal  
lago invertido  
peixestrelas

(MATTOS, 2000, p.13)

A fusão também pode ser interpretada à luz do mito de Narciso, pelo espelhamento do céu na água e vice-versa, extraído-se daquele mito o elemento beleza, atributo de Narciso que é vislumbrado pelo eu lírico quando olha para o céu pantaneiro. Preferimos, entretanto, destacar a fusão enfatizando o par primordial e, se a ordem cronológica contasse, tal poema poderia ter sido o primeiro do livro, pela alusão ao estado anterior à criação, anterior ao momento em que céu e terra, Urano e Geia separaram-se. Entretanto, como poema inaugural, temos, conforme a ordem da própria poesia (lembremo-nos dos poemas épicos em que a invocação e a dedicatória eram constituintes da forma), uma dedicatória, texto que também fala de anterioridades e do curso da história, sugerindo uma concepção temporal cíclica e o efeito do tempo e da cultura sobre o nosso olhar, bem como o valor da imaginação e do devaneio na realização de uma obra:

Dedicatória Esfacelada

Tudo o que é belo foi um dia estranho  
tudo o que é velho foi um dia novo  
tudo o que é verso foi um dia sonho  
(MATTOS, 2000, p. 7)

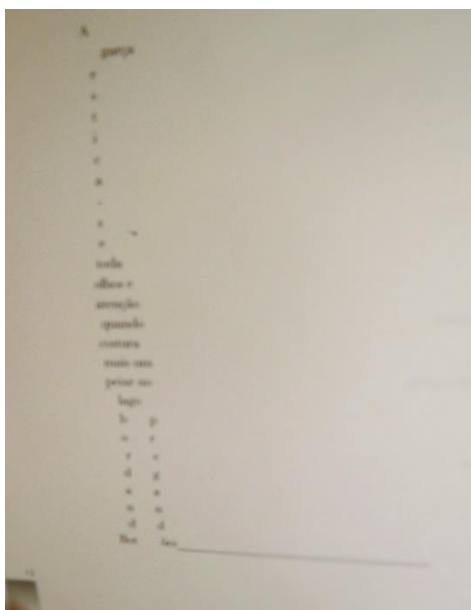
Em seguida, temos os poemas “A cheia” e “O cerco”, que remetem ao mito do dilúvio, quando as águas inundam a paisagem e arrastam as vidas. O eu lírico dos textos compara a água das chuvas aos fantasmas e a escrita a um ato de exorcismo:

[...]  
Nunca nenhum lugar ficou a salvo.  
Luzes de geradores, casas ilhadas, alvo  
para ladrões navais, piratas fluviais  
com candelabros sobre pianos afogados,  
janelas que estão sem dono, armas  
e pólvoras. Tapas num rosto de mosquitos.  
Escotilhas, fintas, listras  
de caderno barroco de crianças.  
Não. Escrever é conjurar fantasmas.  
Mas desde quando fantasmas precisam  
ser chamados, se como as águas  
invadem o inútil mundo organizado?



(MATTOS, 2000, p.9)

Os fantasmas e as águas metaforizam a própria poesia que, num mundo já criado e estabelecido, vem para questionar a quem serve a ordem das coisas. O *enjambement* ligando sintaticamente um verso a outro sugere, nesse caso, a inundação das águas transbordando os espaços. Os fantasmas aparecem de



novo em “O cerco”, quando o cenário do pantanal e as aldeias sitiadas pelas onças são índice de morte e nada resta a fazer senão acatar o destino de transcender sem abandonar a telúrica paisagem:

[...]

Agora faça de conta que não existe o medo  
e espere seu fim  
com altivez.

Afinal, nada é melhor para a alma  
que vagar nos pantanais.

(MATTOS, 2000, p.11)

Torna-se relevante, para a leitura global da obra, que o mito do dilúvio esteja presente nas primeiras páginas, pois, sintonizado com o gesto de olhar do eu lírico, central na referida obra desde o título até o último poema, indica, desde o princípio, uma proposta de renovação do olhar, que ao longo deste artigo será confirmada.

Depois da devastação, vem a calma encenada nos gestos de uma ave, ser das águas e do céu. O ato de pescar peixes para sua sobrevivência é descrito magicamente por palavras e pela disposição das mesmas na página, configurando um poema concreto que destaca a contemplação do eu lírico. Apresentamos os versos do poema discursivamente: “A garça estica-se toda olhos e atenção, quando costura mais um peixe no lago, bordando, pregando botões” (MATTOS, 2000, p.12).

Embora a garça seja uma ave e esteja intimamente ligada à ideia de voo, de ascensão, característicos do regime diurno, não se pode esquecer que tal

regime caracteriza-se pela antítese, em que o diurno dialoga com o seu oposto. Assim, a imagem de calmaria completa-se, nesse poema, com o fato de a garça estar pousada em terra e na água (elementos femininos), capturando seu alimento.

Além das aves, ligadas à simbólica masculina do ar e da ascensão e, dos peixes, ligados à feminina da fecundidade e da imersão, respectivamente, outra imagem bastante comum na obra, fazendo parte inclusive do título, é a da lua. Seu significado torna-se relevante no conjunto, pois remete imediatamente à atitude de olhar “quem muito olha a lua”, ponto por nós considerado central na elaboração poética do autor e que, segundo Durand (1997), é um gesto que corresponde ao regime diurno das imagens, pois equivale a separar, a distinguir, a verificar na presença da luz, das matérias luminosas e está em acordo com o princípio masculino. Em muitas religiões e mitologias o olho é associado ao deus, ao poder, ao controle, à figura do pai. Assim, interessa-nos verificar de que modo a lua, elemento em alinhavo com o princípio feminino, é apresentada, e investigar que mito ou quais mitos estão subjacentes a essa apresentação. Em

Eu canto as coisas simples da minha terra  
[...]  
Por exemplo as luas  
enigmáticas madames  
carregadas de maquiagem  
às vezes as vejo às tardes  
como que disfarçadas  
indo às compras em alguma  
perfumaria azul  
[...]

(MATTOS, 2000, p. 56)

a lua, que aparece durante o dia, discretamente, no espaço azul, é explicitamente comparada à mulher e predicada com signos do feminino da nossa cultura como a maquiagem, a perfumaria, o ir às compras. A expressão *enigmática madame* nos remete imediatamente aos sentidos de misteriosa e de mulher de classe social distinta. Mas independentemente das classificações, a figura do feminino com a qual a lua está associada encontra um eco bem mais



distante, nos mitos primordiais, em que o feminino traduz sedução, perigo, enigma, etc. O esquema mítico é o mesmo, o que varia são suas versões.

As mais antigas narrativas, desde o *Gênesis* bíblico (Lilith e Eva), o mito da Pandora, passando pelas tragédias gregas (*As bacantes*, *Medéia*, *Antígona*) etc. apontam, como já dissemos, para o caráter sedutor e perigoso do feminino. Essas características são reportadas às mortais. Deve-se salientar que as primeiras deusas, apesar de reunirem a um só tempo o bem e o mal, possuíam poderes iguais aos dos homens, poderes não restritos apenas à fecundidade. De uma perspectiva histórica, arrisca-se a dizer que os poderes femininos foram sendo restringidos à medida que se propagavam os discursos sobre os riscos e perigos que o gênero/sexo apresentava, ou seja, de acordo com a eficácia do mito. Um dos temores diante do feminino, por exemplo, dava-se porque o homem não compreendia o poder que as mulheres tinham de gerar um filho, nem a razão dos ciclos menstruais. De lá para cá, a ciência foi desvendando mistérios, mas as forças míticas permaneceram e, se considerarmos a supremacia da autoria androcêntrica na nossa cultura, não poderíamos esperar outro resultado e essa foi, indubitavelmente, uma das estratégias utilizadas pelo homem para levar a efeito a submissão da mulher a ele.

No poema seguinte observamos que a lua, embora o título aponte para seu aspecto temporal, está novamente mitificada sob o signo da sedução:

Calendário da lua e da pesca

lua nos olhos dos peixes

o cardume se apresenta  
como cinturão de satélites

A faca das águas  
se afia no luar

a fertilidade da pesca  
é tão femininamente obscena  
[...]  
A linha do rio  
escreve nas margens:  
vida, canoas



E portos como lua nova  
(MATTOS, p. 16)

A lua é matéria de atração, sedução, está nos olhos dos peixes, objeto de desejo do pescador. Várias luas formam um cinturão, vários peixes indicam a fertilidade da pesca, percebida como *femininamente obscena*. Passado o momento da pesca, a lua são os portos onde se espera o pescador e o produto da sua jornada. Lugar de chegada, mas também de partida, de começo, como a lua nova. Portanto, nesse poema, está patente o aspecto feminino da lua: fecundidade e sua ciclicidade/eterno retorno.

No poema a seguir, lua é elemento de contemplação, é uma fotografia, um instante flagrado e compõe, com a árvore, ao mesmo tempo um ser que captura o/ e que foi capturado pelo olhar do artista. Melhor dizendo, à primeira vista parece-nos que o artista é o agente, a lua caiu na sua teia, é sua presa. Mas uma leitura mais atenta sugere o contrário. Ela, a lua, é quem seduziu e dirigiu o olhar do poeta.

Árvore seca  
a lua é a mosca  
em sua teia  
(MATTOS, p.23)

O próximo texto é outro exemplo em que a lua aparece como elemento de contemplação e de sedução, situada num contexto regional e acentuada em seus caracteres femininos (brincos, vestido), conjugada com um elemento masculino, o céu, Urano. Podemos, também, imaginar seu corpo como sendo o mapa físico da América espanhola, cuja forma lembra a da lua crescente:

Lua espanhola  
usa brincos de osso  
  
o vestido de baile  
é o céu de Mato Grosso.  
(MATTOS, p. 27)

Também como exemplos de um ser de contemplação, inspiração e reverência são estes versos, em que a lua aparece como deusa e como modelo:





[...]  
quarteirões da cidade iluminados  
reverentes  
ante a deusa  
azul alada  
[...]  
os desenhos dos artistas papelada  
a modelo  
desejada  
rabiscada  
[...]

(MATOS, p.52)

Em outro, um haicai à brasileira, a lua é realçada em sua beleza cheia, apropriada para uma festividade anual da tradição brasileira. As rimas internas (*re, be*) e externas (*ão*) insinuam um ritmo musical popular:

Noite de São João  
lua amarela  
belo balão

(MATTOS, p.39)

No poema seguinte a lua aparece acompanhada de um adjetivo instigante: *canibal*. Não bastasse significar devorador de carne humana, não bastasse o índice dos dentes, o caldeirão insere um índice novo: a lua como bruxa. A associação do feminino com a bruxaria na cultura ocidental sempre esteve associada a elementos negativos e pejorativos.

Lua canibal  
Seu prato de osso  
E dentes no pescoço

[...]

Lua canibal  
Seu negro caldeirão  
E estrelas no sopão

(MATTOS, p.36)

O *negro caldeirão*, que pode ser lido como o corpo da lua, remete-nos ao mito da lua negra, muitas vezes vinculado ao de Lilith, enfim, com tudo o que foi codificado pela ideologia dominante, como signo da desobediência e da



subversão. Essa identificação, aliás, foi fundamental aos caçadores de bruxas ao longo da história, especialmente na Idade Média e que intentaram reduzir às cinzas uma gigantesca produção do imaginário da civilização humana. Se a lua é motivo de sedução, se apresenta perigo, se possui atributos canibais e equivalentes aos das bruxas, não era de se esperar outra coisa, no seio de uma cultura entranhada no mito do feminino sedutor, que esta advertência<sup>1</sup>:

Quem muito  
olha a lua  
fica louco

diz o povo  
apontando  
a um garoto

(MATTOS, p. 48)

Mas o mito também sofre a ação do tempo e da cultura. A palavra poética revela suas camadas mais profundas e evidencia o caráter contestador da arte que, quando infensa à(s) ideologia(s) dominante(s), restaura a plurivocidade do símbolo. O grande salto na composição do livro de Aclyse de Mattos é este pós-logo (o contrário de prólogo) que nos convida a ver a lua como signo de beleza e de sedução, sim, mas jamais como perigo ou ameaça, pelo contrário, salientando o caráter benéfico da sedução:

Pós-logo

Quem nunca  
olha a lua  
nem pode  
ficar louco:  
já está

olhando só  
para dentro  
lugares  
em que nunca  
se há de iluminar

---

<sup>1</sup> Segundo Junito Brandão (2009), para alguns povos antigos os raios da lua eram tão poderosos que fecundavam as mulheres. Aquelas que não desejassem engravidar não deveriam olhar para a lua e deveriam friccionar o ventre com saliva.



desvãos desvais  
desvios  
com olhos de vitrais  
despercebidos

ou mais,  
olhando só  
o ar  
o meio do ar  
o ar do olhar

não vê  
porque  
não sai  
do seu lugar  
de olhar

nem si  
nem mi  
nem lua  
siderado  
na tontura

como um poema  
só que só  
palavras  
nem leitor  
autor  
ou tema

(MATTOS, p.74 e 75)

Retornamos, então, ao título do livro que, entendido no contexto global da obra, apresenta-se inicialmente como advertência, inscrito num retângulo (título na capa), símbolo fechado, vinculado à razão pura. Depois, em vários momentos, a lua aparece associada aos sentidos do feminino, do sedutor, e chega, enfim, à reescrita do sentido de olhar, da tradicional advertência para o aconselhamento: olhemos para a lua, cuidemos de nossa sensibilidade, vivamos a poesia. Os mitos em que o feminino aparece como ameaça foram gerados numa cultura androcêntrica e serviram para fortalecer o poder masculino que reservou às mulheres apenas duas possibilidades: submissão e fecundação. Mas os tempos são outros, as mulheres ocupam outros papéis e, então, o aspecto sedutor do feminino deixa de ter seu caráter assustador para assumir seu caráter instigante, enigmático e multifacetado, como convém ao símbolo, apresentando

também um caráter benevolente. É preciso dizer que, embora fosse predominante, a versão do feminino como algo maligno e perigoso nunca foi exclusiva. A história humana não foi feita em mão única. Se buscarmos a definição de lua, por exemplo, no dicionário de símbolos de Chevalier e Gheerbrant, comprovaremos sua ambivalência. Para este estudo, especialmente, destacamos:

A lua produz a chuva, os animais aquáticos, é fonte e símbolo de fecundidade. Ligada às águas primordiais de onde procede a manifestação. (...) Fonte de inumeráveis mitos, lendas e cultos que dão às deusas a sua imagem (Ísis, Istar, Artêmis ou Diana, Hécate....), a lua é um símbolo cósmico de todas as épocas desde os tempos imemoriais até nossos dias. (CHEVALIER E GHEERBRANT, 1997, p. 562-564).

Esses significados estão presentes no livro de Aclyse de Mattos, no qual a associação entre a lua, as águas e a pesca são recorrentes. O sentido percebido no poema “Pós-logo”, o que nos aconselha a olhar para a lua e para a vida de *outro lugar*, está intimamente ligado a este, encontrado no *Dicionário de símbolos*, de Chevalier e Gheerbrant:

Este símbolo diz respeito à divindade da mulher e à força fecundadora da vida, encarnadas nas divindades da fecundidade vegetal e animal, fundidas no culto da Grande Mãe. [...] A zona lunar da personalidade é esta zona noturna, inconsciente, crepuscular de nossos tropismos, de nossos impulsos instintivos. É a parte do primitivo que dormita em nós, vivaz ainda no sono, nos sonhos, nas fantasias, na imaginação, e que modela nossa sensibilidade profunda. (1997, p. 564)

Segundo Gilbert Durand (1997), sempre, em todos os tempos e culturas, o ser humano imaginou uma Grande Mãe para onde retornariam os desejos da humanidade. Nesse sentido, a lua e as águas, juntas, remetem à idéia de regresso à Grande Mãe, à ideia de descida que configura o regime noturno místico estruturado pelo antropólogo. Não só no livro de Aclyse, mas, na literatura universal, “eterno feminino e sentimento da natureza caminham lado a lado” (DURAND, 1997, p.233). Assim, tomado no conjunto, o símbolo da lua no livro de poemas *Quem muito olha a lua fica louco* está revestido do mito do feminino



sedutor, num primeiro plano, justamente para provocar a inversão, a descida eufemizante que transforma o perigo em algo benfazejo e que reconduz o feminino à dignidade de sua condição primordial, ligada ao arquétipo da Grande Mãe. A lua, no livro de poemas de Aclyse, precisa ser interpretada no contexto e num movimento de leitura que vai do primeiro ao último poema, para que os signos do olhar e da loucura sejam entendidos inicialmente como provocação e, depois, como proposta de um outro olhar para o feminino e para a vida, um olhar menos pragmático e racional, e mais sensível e afetivo. Não por acaso o livro começa com: “tudo o que é belo foi um dia estranho[...]” e termina com:

Édipo preguiçoso

Nada é tão mãe  
depois da mãe  
do que a sombra da mangueira.

(MATTOS, p.76)

A figura de Édipo, que mata o pai, representado na obra pela tradicional visão ocidental sobre o feminino, e ama a mãe, feminino benfazejo, que acolhe e é generoso, como a Grande Mãe, como a natureza de Mato Grosso, tão exaltada nas páginas do livro, culminando com a figura da mangueira, árvore tipicamente tropical, de sombra farta e doces frutos. O adjetivo preguiçoso, entendido no contexto cultural, pode ser associado às elevadas temperaturas da região que provavelmente favoreceram a prática da sesta à sombra das árvores, entre outros aspectos culturais, como um ritmo de vida mais lento, mais vagaroso.

### **Considerações finais**

As imagens, símbolos e mitos encontrados ao longo da obra e analisados de acordo com as abordagens críticas do Imaginário contribuíram para a interpretação de que “quem muito olha a lua” não “fica louco”, pelo contrário, pode descobrir que o feminino deve ser visto em harmonia com o princípio

masculino e que o olhar deve ser um gesto de acolhimento e de generosidade, não apenas de julgamento e de distinção.

*Quem muito olha a lua fica louco*, sem dúvida, é um belo livro de poemas que também pode ser considerado um cartão postal da natureza mato-grossense e um registro de cenas da vida local. Mas, para além disso, conforme demonstramos neste artigo, propõe uma meditação sobre a nossa visão de mundo acerca dos princípios masculino e feminino, instigando-nos a pensar sobre como são elaborados certos conceitos e que produtos culturais os subsidiam. Enfim, a análise dos poemas realizada também reitera a importância dos mitos e da sua atualização na constituição da nossa cultura.

### Referências

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**, vol. II. 21<sup>a</sup> Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arqueologia geral. Trad. Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos** (mitos, sonhos, gestos, formas, figuras, cores, números). Trad. Vera da Costa e Silva et all. 11<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1997.

MATTOS, Aclyse. **Quem muito olha a lua fica louco**. Cuiabá: Oficina mínima editora, 2000.

Recebido em 30/03/2014.

Aceito em 23/07/2014.

### Marta Helena Cocco

Professora de Literaturas da Língua Portuguesa na Universidade do Estado de Mato Grosso, campus de Tangará da Serra. Doutora em Letras e Linguística, participa dos grupos de pesquisa Literatura infanto-juvenil: poesia e prosa e Literatura e Ensino. Este artigo é produto do projeto de pesquisa: “Pelos fios da narrativa e do verso à constituição da memória cultural contemporânea em Mato Grosso.”

E-mail: martacocco@uol.com.br